



RESUMO

Frequência de displasia coxofemoral em cães da guarda da Brigada Militar de Passo Fundo

AUTOR PRINCIPAL: Amanda Pauline Costenaro

CO-AUTORES: Marcela Palm, Taiane Carnevali

ORIENTADOR: João Ignácio do Canto

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO:

A displasia coxofemoral (DCF) é comum em cães de raças grandes a gigantes que possuem rápido desenvolvimento e atinge machos e fêmeas. Há traços hereditários, multifatoriais e poligênicos e pode ser acentuada por sobrepeso e exercício. É uma síndrome ortopédica caracterizada pelo crescimento anormal das articulações coxofemorais, podendo apresentar luxação ou subluxação (em jovens) ou doença articular degenerativa (em idosos). Os sinais clínicos variam desde claudicação até sinal de Ortolani positivo e o tratamento clínico é baseado na utilização de anti-inflamatórios, analgésicos e condroprotetores ou, em casos mais severos, indica-se o tratamento cirúrgico. A definição do grau é fundamentada na anamnese e sintomas, confirmado por radiografias e classificado como: ausência de sinais, articulações próximas à normalidade, grau leve, grau moderado ou grau severo. O objetivo deste estudo foi avaliar a prevalência desta síndrome em cães de guarda da Brigada Militar.

DESENVOLVIMENTO

A presente pesquisa foi realizada no Hospital Veterinário da Universidade de Passo Fundo em maio de 2015, onde foram avaliados para DCF seis cães, quatro machos e duas fêmeas, de idades entre um e dois anos, provenientes da Brigada Militar da cidade de Passo Fundo – RS. O estudo radiográfico foi feito com dois cães da raça Pastor Alemão de dois anos de idade, um demonstrando apenas incongruência das articulações coxofemorais direita (D) e esquerda (E), sendo classificado com grau de DCF leve e o outro articulação coxofemoral D e E com acentuada incongruência e sub-luxação, acetábulo pouco profundo, bordo acetabular com osteófitos, cabeça femoral remodelada, colo femoral espessado com discreta reação periosteal e presença de linha de Morgan. BARROS et al (2008) avaliou 123 radiografias de cães para determinar a ocorrência de DCF em cães da mesma raça pertencentes à Polícia Militar do Estado de Minas Gerais e encontrou prevalência de 89,4%. Após, foi avaliado um Pastor Belga de um ano de idade, o qual apresentou incongruência acentuada da articulação coxofemoral D com sub-luxação, acetábulo pouco profundo, bordo acetabular com osteófitos e colo femoral espessado. Já o lado E demonstrou

incongruência articular acentuada com acetábulo raso, bordo acetabular com osteófitos, presença de osteófitos peri-articulares além de colo femoral espessado com reação periosteal, o que sugeriu grau moderado de DCF. Um pastor de Malinois de um ano de idade apresentou articulação coxofemoral D e E acentuadamente incongruentes com sub-luxação, acetábulo raso, bordo acetabular com discreto achatamento, cabeça femoral remodelada e colo femoral espessado, apresentando osteófitos apenas na articulação E, compatível com DCF grau moderado. Em seguida avaliou-se uma fêmea Rottweiler de um ano de idade que apresentou alterações na articulação D e E com acentuada incongruência articular e sub-luxação, acetábulo pouco profundo, bordo acetabular com discreto achatamento e colo femoral espessado, compatíveis com DCF grau leve. Os exames radiográficos caracterizam a displasia pelo arrasamento do acetábulo, achatamento da cabeça do fêmur, sub-luxação ou luxação coxofemoral e alterações secundárias da articulação (KEALY & MACALLISTER, 2005). Por último, uma fêmea Rottweiler de dois anos de idade que não apresentou quaisquer alterações em pelve e articulações coxofemorais, sendo classificada como sem sinais de displasia coxofemoral. Em suma, observa-se frequência de 83,33% de displasia coxofemoral neste estudo, sendo 55,55% de grau moderado e 13,88% de grau leve. Os cães avaliados são utilizados para diversas atividades de guarda dentro da Brigada Militar e Hedhammar et al (2006) sugere que atividades prolongadas ou de alto impacto podem predispor ao aparecimento de osteoartrose, o que aumenta o risco de desenvolvimento da displasia, embora existem contradições. Além disso, o exercício pode ser fator de risco caso haja muita exigência do animal ainda jovem (FOSTER & SMITH, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Analisando os presentes resultados, conclui-se que houve alta frequência de DCF, principalmente grau moderado, nos cães avaliados, sendo que o uso para trabalho dos mesmos pode estar contribuindo para o aparecimento da síndrome. Além disso, a genética também é fator atenuante, uma vez que diversos estudos são realizados em cima das raças citadas acima, o que indica grande número de casos existentes. Medidas como redução do esforço e da atividade física poderiam ser tomadas a fim de evitar aparecimento dos sinais clínicos e alterações articulares, embora isso não anule a probabilidade de seu aparecimento.

REFERÊNCIAS:

BARROS, G. S.; et al. Frequência da displasia coxofemoral em cães da raça Pastor Alemão. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia. Belo Horizonte/MG, v. 60, n. 6, p. 1557-1559, 2008.

FOSTER; SMITH. Hip dysplasia: diagnosis - treatment – prevention. Veterinary & Aquatic Services Department. 2010. Disponível em: <<http://www.peteducation.com>>. Acesso em 11/09/2015.

HEDHAMMAR, A. et. al. Diet, exercise, and weight as risk factors in hip dysplasia and elbow arthrosis in Labrador Retrievers. The Journal of Nutrition. Bethesda/MD, United States, v.136, n. 7, p. 2050S–2052S, 2006.

KEALY, J.K.; MACALLISTER, H. Diagnostic radiology and ultrasonography of the dog and cat. St. Louis: Elsevier Saunders, 2005. 512p.